



Novas Novas Cartas Portuguesas

Audun Alvestad, Aura, Fabiana Faleiros,
Sara Graça, Rita Moreira, Delphine Seyrig,
Caio Amado Soares, Francisca Sousa,
Aleta Valente

Galerias Municipais – Galeria Quadrum
Rua Alberto Oliveira 52
Palácio dos Coruchéus, Lisboa

Terça a domingo 10h-13h e 14h-18h
Entrada Livre

Visitas guiadas por marcação
mediacao@galeriasmunicipais.pt

Novas Novas Cartas Portuguesas

A presente exposição, *Novas Novas Cartas Portuguesas*, foi organizada em torno do 50º aniversário da publicação feminista de *Novas Cartas Portuguesas* (NCP) pelas Três Marias (Maria Isabel Barreno (1939-2016), Maria Teresa Horta (1937) e Maria Velho da Costa (1938-2020)). No seguimento da edição das *Novas Cartas Portuguesas* pela Estúdios Cor, que teve a coragem de as publicar em 1972, a polícia imediatamente esforçou-se para apreender cópias distribuídas pelo país. O livro foi proibido. Telefones foram colocados sob escuta. Quando foram questionadas sobre a autoria das cartas, a resposta das Três Marias foi que «todas escrevemos tudo.»¹ A sua coesão e solidariedade coletiva deve ter irado ainda mais os oficiais e, ainda hoje, é desconhecido do público que cartas escreveu cada uma das três mulheres. O julgamento contra as Três Marias começou em 1972, um dia antes de um período de férias de três meses do tribunal. A audiência final foi prorrogada para 25 de abril de 1974 (dia da Revolução dos Cravos, em que a audiência não aconteceu, por razões óbvias) com a absolvição a ter lugar a 7 de maio de 1974 e a encerrar o processo.

Novas Novas Cartas Portuguesas nas Galerias Municipais – Galeria Quadrum manifesta a urgência de uma renovação. Cinquenta anos depois da sua publicação, o livro não entrou no currículo escolar de Português², no entanto, parece que o livro está a ganhar a tração e o reconhecimento que merece numa era que também reconhece as lutas feministas, trans, intersexuais, e pessoas não-binárias sob o acrónimo LGBTQIA2S+ (Lésbico, Gay, Bisexual, Transgénero, Queer/Questionando, Intersexo, Assexual e Dois-Espíritos). Se as Três Marias questionaram através da sua publicação «Minhas irmãs: Mas o que pode a literatura? Ou antes: o que podem as palavras?»³, esta exposição, por sua vez, questiona o que podem fazer imagens ou obras de arte e como uma exposição pode refletir sobre o discurso que se seguiu – e do qual beneficiou – à publicação da literatura *Avant-garde* que é *Novas Cartas Portuguesas*. Apesar de as *Novas Cartas Portuguesas* terem sido publicadas

1 «Quem escreveu o quê? Todas escrevemos tudo». Conversa entre Maria Teresa Horta e o curador a 22 de janeiro de 2022.

2 «*Novas Cartas Portuguesas* deviam estar mais nas escolas», afirma a Ministra da Cultura, publicado a 8 de março de 2022. <https://observador.pt/2022/03/08/novas-cartas-portuguesas-deviam-estar-mais-nas-escolas-afirma-ministra-da-cultura/>. Último acesso a 2 de julho de 2022.

3 Ver também: «Terceira Carta V: Minhas irmãs: Mas o que pode a literatura? Ou antes: o que podem as palavras? 1/6/71», in Barreno, M. I., Horta, M. T. & Costa, M. V. (2017). *Novas Cartas Portuguesas, Edição anotada, Organização de Ana Luísa Amaral*. Alfragide: D. Quixote, p. 197. A ligação entre palavra e imagem é também evidente na inclusão de cinco obras de poesia concreta em *Novas Cartas Portuguesas*, nomeadamente «I Jogo - V Jogo». *Idem*, *Ibidem*, pp. 236-238.

há cinquenta anos, o seu conteúdo – considerado imoral e pornográfico pela ditadura portuguesa da época – continua tão urgente e contemporâneo no presente.⁴

Novas Novas Cartas Portuguesas na Galeria Quadrum abre com uma série de poemas de **Maria Teresa Horta**. Horta revisitou poesia de mais de cinquenta anos de produção, trazendo para a mesa uma seleção de poemas escritos à mão que foram previamente coligidos em *Minha Senhora de Mim* (1971). Estas obras literárias são apresentadas em analogia com fotografias a preto e branco do seu irmão, **Jorge da Silva Horta**, que acompanhou o julgamento no tribunal da Boa Hora, em Lisboa. A dinâmica dos anos 70 é ainda mais contextualizada através do filme *Les trois portugaises* (1974), realizado por **Delphine Seyrig** em colaboração com Carole Roussopoulos e Ioana Wieder. A peça de 29 minutos documenta as ações de apoio e divulgação do livro, ocorridas em Paris entre março de 1973 e setembro de 1974, em particular a leitura-espetáculo «La nuit des femmes» e uma manifestação noturna diante da catedral de Notre Dame em janeiro de 1974.⁵ Seyrig, Roussopoulos e Wieder mantiveram o contacto e continuaram a colaborar até 1982 quando fundaram o Centre audiovisuel Simone de Beauvoir, o arquivo de filme e vídeo feminista baseado em Paris.

Sara Graça aceitou o convite para criar *Echoes* (2022), um conjunto de obras *site-specific* na entrada da Galeria Quadrum, concretamente para o espaço delimitado por uma estrutura cobogó, situado na transição entre o jardim adjacente e o vestibulo da galeria. Os cobogós – mais frequentemente encontrados no Brasil do que em Portugal – foram concebidos de modo a oferecer sombra e para separar o interior do exterior, permitindo ainda luz natural e ventilação. Aqui, o trabalho de Graça referencia as três escritoras e apropria-se da estrutura arquitetónica e – no seguimento de *O Cárcere*, carta de 17 de maio de 1971 das *Novas Cartas Portuguesas* – alude à casa como prisão.⁶

4 Uma passagem que poderia ter sido considerada pornográfica pode ser encontrada na carta «Meu texto de amor ou proposto de uma mulher, à maneira de monólogo»: «Esta vontade de te morder os pulsos e o ventre, as verilhas. Esta ansiedade de que me beijos os ombros e me violentes devagar até ao êxtase. Esta ternura esgarçada e leve de passar lentamente a língua pelas tuas pernas, pelas tuas axilas, pelos teus testículos, tão frágeis e desprotegidos, tão maravilhosamente quentes e veludo de que se vestem os frutos.», p. 305. ou «Nas ancas tenho ainda a marca dos teus dedos; a marca da tua boca, o traço molhado da tua língua, dos teus dentes.», p. 307. Além disso, múltiplas referências às crueldades e à violência resultantes das guerras coloniais portuguesas contrariaram a narrativa oficial censurada do regime. Um exemplo: «Outro dia houve um que ficou sem os tomates e o Francisco da tia Maria da Abelha, lembras-te? nem se lhe conhecia a cara.», p. 177.

5 <https://www.festadocinemafrances.com/post/les-trois-portugaises>. Último acesso a 4 de agosto de 2022.

6 A carta *O Cárcere* começa da seguinte maneira: «Andava entre as quatro paredes, que tinham bolhas de salitre e grandes manchas acastanhadas, arrastando os pés nas lajes.

Esta constelação de entrada dá lugar a um conjunto de pinturas figurativas de **Francisca Sousa**, com um retrato da poetisa portuguesa Florbela Espanca (1894-1930), sendo ela uma das ativistas e poetisas feministas mais radicais na História Moderna portuguesa.⁷ Sousa está interessada na reflexão sobre a sexualidade e género, o explícito vs. o não-explícito na sua pesquisa pictórica e em tomar a sexualidade como ponto de partida para falar sobre o prazer feminino e a libertação da voz feminina. Sousa inspira-se no mundano, de amigas que não se sentem percebidas, da sororidade e da utopia do corpo novo que se está a transformar, a metamorfosear. *Orgulho* (20129) advoga a «Libertação de género e demonstra que ainda nas lutas contemporâneas podemos fazer uso de trajes típicos.» manifesta a artista. *Queen of wands* (2020), apresenta uma mulher com uma varinha mágica de cozinha na mão.

Altamente empoderador, o trabalho de Sousa é colocado em diálogo com a instalação de **Aura**. Partindo de um contexto de arte performativa, Aura olha para uma nova variante do que pode querer dizer ser mulher e está interessada nas noções estéticas, míticas e religiosas de identidade, multiplicidade e trans-feminismo. Para ela, as Três Marias também evocam o surrealismo de Hieronymus Bosch, o quadro *A Origem do Mundo* (1866) de Gustave Courbet, e as *Étant donnés* (1946-1966) de Marcel Duchamp. Aura estabelece assim uma analogia entre uma referência literária e bastiões da história da arte. Inspirada no trabalho de Duchamp, a sua instalação para esta exposição parte da indisponibilidade de imagens científicas da neovagina em bases de dados, que sirvam de referência a mulheres trans que procuram uma neovaginoplastia (em Portugal é o Serviço de Ginecologia do Centro

Percorria aquele chão ao longo do dia, sempre e sempre, e também com as mãos e com os joelhos, e o não levantar os pés era cansaço, mas mais ainda esforço desnecessário num chão todo conhecido. Num canto estava o pequeno fogareiro e a marmitta amolgada, bens com muito esforço conseguidos. Na outra parede ficava o catre, com o enxergão duro e cheio de nós, tapado pelo único cobertor, esburacado, puido de tantas lavagens e relavagens (...), p. 169.

A ligação entre as guerras coloniais e a violência doméstica também se torna evidente noutra carta: «A minha mãe bem dizia: “Maria tem cuidado, isso de casamentos nunca se sabe, às vezes mais vale a gente ficar solteira...” mas como é que eu podia saber que o meu António havia de vir assim das Áfricas, ele que era uma pessoa, não desfazendo, de tão bom coração e desde que veio das guerras anda transtornado da cabeça e me mete medo grita noite e dia, bate-me até se fartar e eu ficar estendida.», p. 163.

Numa conversa a 29 de julho de 2022, Maria Teresa Horta conta sobre o abuso moral: «Os homens em Portugal casados poderiam levantar o ordenado das mulheres com emprego. Levavam o ordenado e pagavam à prostituta.»

⁷ Em 1949 foi atribuído o nome de Florbela Espanca a uma rua na vizinhança das Galerias Municipais – Galeria Quadrum. O Concelho Nacional de Educação é sediado nessa rua. A escassez de ruas e praças que têm nomes de mulheres em Portugal foi debatido de forma eloquente em *Alameda, Avenida, Mariana, Maria, Maria, Maria* (2022), uma obra da artista Susana Mendes Silva, que esteve em exibição na exposição *Pacto* na Galeria Municipal de Almada (21 de maio – 27 de agosto de 2022).

Hospitalar e Universitário de Coimbra que realize a cirurgia).

A cineasta brasileira **Rita Moreira** tem sido uma defensora do cinema feminista desde os anos 70. O seu filme mais recente *Ti-Grace Atkinson – Uma biografia de ideias* (2018), é um retrato da feminista radical americana Ti-Grace Atkinson, também citada nas *Novas Cartas Portuguesas*: «O amor é a armadilha, a vedação de arame farpado, o eixo de opressão das mulheres num universo gozador. Que é o amor senão a necessidade ou o medo?».⁸ Outra obra de Moreira nesta exposição foi gravada no decorrer da 16ª Caminhada das Mulheres Lésbicas e Bissexuais, São Paulo, tomando uma dimensão inédita em 2018 no seguimento do assassinio da vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco. Mais de quarenta anos depois de fazer entrevistas nas ruas de Nova Iorque (para *She has a beard*, 1975), durante a *Caminhada Lésbica por Marielle* (2018), Moreira dirige-se a um grupo de mulheres nas ruas de São Paulo que estão a manifestar o seu apoio e lamentar a perda de Marielle.

O espectador encontra libertação, humor e autoconfiança na arte de **Aleta Valente**. Começando com um telemóvel e um *selfie stick*, a produção de Valente tem-se tornado – desde o seu início – mais tangível na aparência física, nomeadamente através da produção de fotografia, escultura e vídeo, e continua a tratar uma ampla variedade de problemas feministas numa miríade de linguagens formais. Finalmente, a pintura de mural de Valente *Marque um X para cada aborto que você já fez* (2019) alude às cartas das Três Marias que se referem ao aborto, nomeadamente à carta de 1 de junho de 1971 onde relatam: «E contou-me, há anos, uma amiga minha, médica, que no banco do hospital eram tratadas com desprezo as mulheres que entravam com os seus úteros furados, rotos, escangalhados por tentativas de abortos caseiros, com agulhas de tricot, paus, talos de couves, tudo o que de penetrante e contundente estivesse à mão, e que lhes eram feitas raspagens do útero a frio, sem anestesia, e com gosto sádico, “para elas aprenderem”. Aprenderem o quê, com um raio?!»⁹ Valente já debateu sobre o tópico do aborto e do parto (*Bárbara*, 2019) em várias ocasiões através das redes sociais e em exposições, mas também contribuiu para um apoio de mulheres com dificuldades através do seu envolvimento com a ONG *Milhas Pela Vida das Mulheres*.

As *Novas Cartas Portuguesas* também se debruçam sobre os prazeres da sexualidade e do orgasmo feminino.¹⁰ As Três Marias citam a Soror Mariana:

⁸ Barreno, M. I., Horta, M. T. & Costa, M. V. (2017). *Novas Cartas Portuguesas, Edição anotada, Organização de Ana Luísa Amaral*. Alfragide: D. Quixote, p. 249.

⁹ *Idem, Ibidem*, p. 205.

¹⁰ «Pergunto: Não teria chegado a altura de contarmos, por exemplo, o que sabemos acerca da verdade do nosso prazer na cama, denunciando claramente o jogo do homem ao tornar mito o orgasmo vaginal, acusando de frígidas as mulheres que se queixam de não irem até

«A vida de uma mulher é toda como um parto; acto solitário e doloroso, escondido, arredado dos olhos de todos em nome do pudor. O pudor é uma nostalgia, serve para fingir que estão mortos os vivos demasiado incómodos.»¹¹ O pudor também é uma nostalgia no trabalho de **Fabiana Faleiros**, que trata a masturbação feminina de forma explícita, onde «O prazer gerado pela mão masturbatória representa um perigo para a organização da reprodução como trabalho sexual. Desde o século XVIII a mão foi reprimida e disciplinada através de uma série de tecnologias: o cinto de castidade, a invenção da histeria, o orgasmo como doença, alarmes elétricos e outros aparelhos que afastavam a mão como órgão que toca o próprio corpo. No corpo da mulher, entendido como máquina que re-produz, o clitóris não tem nenhuma função e a mão não deve alcançá-lo.»¹² Os trabalhos apresentados nesta exposição partem da pesquisa de Faleiros sobre (patologia na) história da masturbação feminina, encontrando a sua representação num sinal *neon*, num póster, numa t-shirt e num livro de artista que revela aspetos da sua pesquisa de doutoramento.

Se os quadros já apresentados de Francisca Sousa testemunham uma abordagem desinibida à feminilidade e às ideias do possível, os seus quadros são aqui colocados em analogia com as pinturas de **Audun Alvestad** que alude a várias perspetivas masculinas. Os quadros de Alvestad partem de um processo de observação, retratam a realidade vivida, bem como sequências oníricas, carregando uma narrativa que aborda e especula sobre as relações entre homens e a heteronormatividade, sobre as quais as Três Marias também tinham as suas reservas.¹³

Finalmente, nas traseiras da galeria, o espetador entra na série *web* experimental ficcional de **Caio Amado Soares** *Club Splendida* (2019), que tem início num cenário do Antropoceno. Conta Soares: “Baseado nos princípios de estruturação democrática propostos por Jo Freeman em *The Tyranny of Structurelessness* (1970), *Club Splendida* é uma tentativa de explorar os

ao espasmo através do simples coito? Infelizmente caindo na armadilha da frigidez, torna-se a mulher mais uma vez e novamente aí, sua presa, sua inferior. Permaneceremos caladas?», in Barreno, M. I., Horta, M. T. & Costa, M. V. (2017). *Novas Cartas Portuguesas, Edição anotada, Organização de Ana Luísa Amaral*. Alfragide: D. Quixote, pp. 248-49.

¹¹ *Idem, Ibidem*, p. 141.

¹² Excerto do comunicado de imprensa de Fabiana Faleiros, *Mastur Bar*, SOLO SHOWS, São Paulo, 2015, https://solo-shows.com/img/SOLO%20SHOWS_MasturBar_Fabiana%20Faleiros.pdf. Último acesso a 13 de maio de 2022.

¹³ Sobre a heteronormatividade e as vantagens e desvantagens de casamento vs. a vida de solteira manifestaram-se em diferentes cartas, como por exemplo: «(...) a fim de se lhes dar a constante certeza da sua vigorosa virilidade, aura: bons na cama e no trabalho, excelentes pais de família e patrões de mulher, com ordenado certo ao fim do mês a fim de se poder comer e ter carro.», in Barreno, M. I., Horta, M. T. & Costa, M. V. (2017). *Novas Cartas Portuguesas, Edição anotada, Organização de Ana Luísa Amaral*. Alfragide: D. Quixote, p. 101.

sucessos e imperfeições dessa proposta, quando amigadas, inseguranças, atracção (ou falta dela) se colocam no caminho de uma visão comum.” No meio da destruição e de guerra ecológica, um grupo de cinco amigas decide procurar o *Club Splendida*. A bordo da nave espacial movida a sangue, Daphne pergunta a Samuel sobre as características do seu destino na galáxia: «Como pensas que vai ser o *Club Splendida*? Seria bom se fosse um lugar onde não houvesse expectativas inúteis, e eu não me preocupasse com o que as pessoas pensassem (...)» Utilizando o formato popular televisivo da novela, Soares cria um fórum de utopia, um espaço para viagem que permite às suas personagens desdobrarem-se numa esfera desregrada ou numa onde as regras (se existirem) ainda estão por negociar.

Agradecimentos: Todas/os artistas e emprestadoras, Maria Teresa Horta, Jorge da Silva Horta, Ana Luísa Amaral (RIP), Gisela Casimiro, Íris Dórdio, Joana Meirim, equipas das Galerias Municipais, Diogo Pinto e Nadja Abt.

Programa Público

12 de novembro, 15.30h

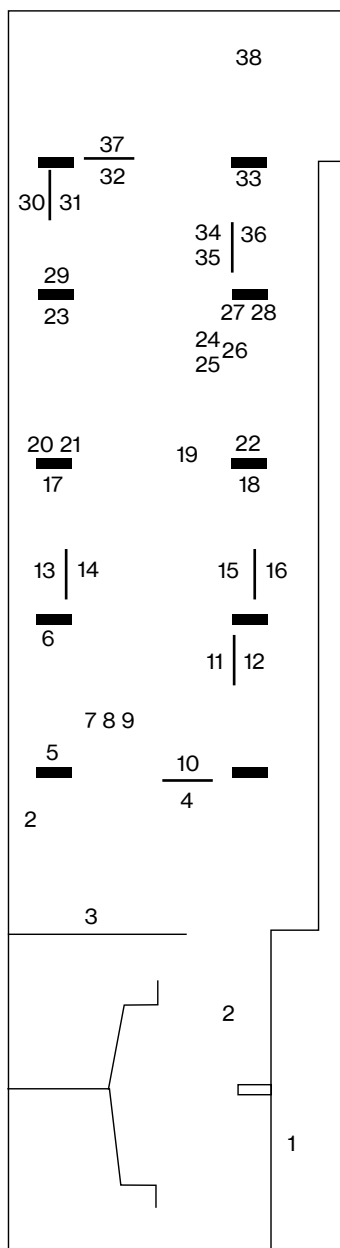
“De flores se munem as palavras” - Novas Cartas Portuguesas: leitura, diálogo, manifestação.

Workshop gratuito com a escritora, artista, performer e activista Gisela Casimiro, com inscrição, bilheteira@galeriasmunicipais.pt

1 de dezembro, 16h

Visita com Tobi Maier, diretor das Galerias Municipais e curador da exposição.

Esta exposição contém obras de carácter sexualmente explícito. Recomenda-se que menores de idade sejam acompanhados pelos seus representantes legais.



1.
Sara Graça
Problema na Porta, 2022
Cortina de missangas, dimensões variáveis
Cortesia da artista

2.
Sara Graça
Echoes, 2022
Técnica mista, dimensões variáveis
Cortesia da artista

3.
Aleta Valente
Marque um X para cada aborto que você já fez, 2019
Tinta acrílica sobre parede, 320 x 250 cm
Cortesia da artista

4.
Delphine Seyrig
Les trois portugaises (ou les trois Marias), 1974
Documentário, França, p&b, 29'
Cortesia Centre audiovisuel Simone de Beauvoir, Paris

5.
Maria Teresa Horta
Minha Senhora de Mim (in *Minha Senhora de Mim*, 1971)
poema manuscrito pela autora em 2022, 21 x 29,7 cm
Cortesia da autora

6.
Maria Teresa Horta
Segredo (in *Minha Senhora de Mim*, 1971)
poema manuscrito pela autora em 2022, 21 x 29,7 cm
Cortesia da autora

7.
Maria Teresa Horta
Existem Pedras (in *Minha Senhora de Mim*, 1971)
poema manuscrito pela autora em 2022, 21 x 29,7 cm
Cortesia da autora

8.
Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa
Novas Cartas Portuguesas
Edição Comemorativa 50 Anos (Capa Dura), Publicações Dom Quixote, 480 pp., Lisboa, 2022

9.
Jorge da Silva Horta
Fotografias do processo de julgamento, 1973 / 74
Impressão em papel fotográfico, dimensões variáveis
Cortesia do fotógrafo

10.
Aleta Valente
Bárbara, 2019
Impressão em vinil, dimensões variáveis
Cortesia da artista

11.
Francisca Sousa
Queen of wands, 2020
Óleo sobre tela, 50 x 70cm
Cortesia da artista

12.
Aleta Valente
Material Girl, 2019
impressão em vinil, dimensões variáveis
Cortesia da artista

13.
Francisca Sousa
Orgulho, 2019
Óleo sobre linho, 80 x 80 cm
Cortesia da artista

14.
Francisca Sousa
Boyfriend, 2020
Óleo sobre tela, 50 x 50 cm
Cortesia da artista

15.
Francisca Sousa
Quarantine Delights, 2020
Óleo sobre tela, 50 x 50cm
Cortesia da artista

16.
Aleta Valente
Miss Faxina, 2019
Impressão em vinil, dimensões variáveis
Cortesia da artista

17.
Francisca Sousa
Aula de costura, 2017
Óleo sobre tela, 30 x 30 cm
Cortesia da artista

18.
Francisca Sousa
Floribela, 2021
Óleo sobre tela, 50 x 50 cm
Cortesia da artista

19.
Aura
A Transformação do Mundo, 2022
em colaboração com Aurora Pinho
Impressão digital, tinta látex ecológica sobre tecido poliéster reciclável, 500 x 300 x 250 cm
Cortesia da artista

20.
Rita Moreira
Caminhada Lésbica por Marielle, 2018
Documentário, Brasil, 16:9, 15 ' 35"
Cortesia da artista

21.
Rita Moreira
Ti-Grace Atkinson – Uma biografia de ideias, 2018
Documentário, Brasil, 16:9, 33 ' 30"
Cortesia da artista

22.
Fabiana Faleiros
Mastur Bar, 2015
Luz néon, dimensões variáveis
Cortesia da artista

23.
Maria Teresa Horta
Cinto de Castidade (in *Minha Senhora de Mim*, 1971)
Poema manuscrito pela autora em 2022, 21 x 29,7 cm
Cortesia da autora

24.
Francisca Sousa
Tarot: Two of cups, 2019
Óleo sobre algodão, 15 x 20 cm
Cortesia da artista
25.
Francisca Sousa
Tarot: the Fool, 2019
Óleo sobre algodão, 15 x 20cm
Cortesia da artista
26.
Fabiana Faleiros
O Pulso que cai e as tecnologias do toque, 2016
Livro, capa com desenho executado a caneta fluorescente, Ikrek Edições, 120 pp., São Paulo, 15,5 x 23 cm
Imagem: mulheres utilizando cintos de castidade em contexto erótico no início do século XX. Autor(a) desconhecido(a).
Coleção privada
27.
Fabiana Faleiros
Mastur Bar, 2016
Risografia sobre papel, 21 x 30 cm
Impresso por Edições Aurora, São Paulo
Coleção privada
28.
Fabiana Faleiros
Mastur Bar, 2015
Serigrafia sobre t-shirt de linho e viscose, dimensões variáveis
Coleção privada
29.
Audun Alvestad
It wasn't supposed to go down like this, 2020
Acrílico sobre tela, 50 x 60 cm
Cortesia do artista
30.
Aleta Valente
Queimada, 2015
Impressão em vinil, dimensões variáveis
Cortesia da artista
31.
Audun Alvestad
Morning buns, 2020
Acrílico sobre tela, 50 x 60 cm
Cortesia do artista
32.
Audun Alvestad
Not everything is for everyone, 2020
Acrílico sobre tela, 60 x 50 cm
Cortesia do artista
33.
Audun Alvestad
Wearing your smell, 2020
Acrílico sobre papel, 21 x 28 cm
Cortesia do artista
34.
Audun Alvestad
Nobody knows you and nobody gives a damn, 2020
Acrílico sobre tela, 37 x 46 cm
Cortesia do artista
35.
Audun Alvestad
Once I had a passion for beginnings, 2020
Acrílico sobre tela, 37 x 46 cm
Cortesia do artista
36.
Aleta Valente
Sua beleza é uma arte, 2019
Impressão em vinil, dimensões variáveis
Cortesia da artista
37.
Audun Alvestad
You prefer Lucky Strikes?, 2020
Acrílico sobre papel, 21 x 26 cm
Cortesia do artista
38.
Caio Amado Soares
Club Splendida, 2019
23' (5 x 5'), série web de ficção experimental, Alemanha / Portugal
Instalação: vídeo, cartazes, fanzine, postais, dimensões variáveis.
Cortesia do artista